

A TRAJETÓRIA DAS BENZEDEIRAS RENOVADAS DE GOIÁS

Allyne Chaveiro Farinha¹

Resumo: A religiosidade, principalmente a católica, tem um grande peso na configuração da cultura goiana. No entanto, essa assimilação não é unilateral, pois a cultura popular tem uma postura ativa, refazendo e reinterpretando práticas da Igreja Católica. Um exemplo dessa leitura específica é prática das benzedeadas, uma prática tradicional e ao mesmo tempo dinâmica, uma vez que essas modificam seus ritos em contato com as diversas forças sociais, não raramente como uma forma de sobrevivência. Nesta perspectiva, o presente trabalho busca identificar as transformações e permanências na prática das mulheres benzedeadas goianas a partir de seu contato com a Renovação Carismática Católica.

Palavras-Chave: Benzedeadas, Renovação Carismática e assimilação.

INTRODUÇÃO

Benzer é uma palavra recorrente em nosso vocabulário, é um ato que permeia as nossas relações sociais que segundo Oliveira (1985) está repleta de conteúdos religiosos, e no caso goiano, a influência do catolicismo popular é ainda mais evidenciada. Em seu sentido religioso, benzer significa “dar a benção”, ação que no catolicismo ortodoxo só é permitida aos sacerdotes que possuem a legitimidade da instituição para realizá-la.

No entanto, observa-se que as camadas populares ao assimilarem a cultura religiosa têm uma postura ativa reinterpretando ou recriando práticas tradicionais, o que possibilita a existência nesse universo de leigos que “benzem” e através deste ato proporcionem a cura para aqueles que os procuram.

Santos (2008) observa o caráter leigo do catolicismo brasileiro o que considera como fruto de uma implementação do cristianismo que se deu de forma fluida por parte das organizações eclesiais, visto que as manifestações de cunho mágico se desenvolveram livremente, pelo menos, até a segunda metade do século XIX em que a Igreja inicia o processo de romanização, pois até o século XVIII apenas os jesuítas atuaram no Brasil, por isso, nota-se a sobrevivência de saberes populares imersos na doutrina da Igreja Católica.

O mesmo acontece no movimento da Renovação Carismática Católica que surge com grande força no Brasil a partir da década de 70, provocando uma grande mudança na Igreja, especialmente na desarticulação das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e bem como na marginalização das manifestações populares, consideradas

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Goiás.

práticas mágicas, supersticiosas e, portanto, condenadas como demonização (SILVA, 2001).

Tendo vista as transformações que ocorreram no espaço religioso católico a partir da chegada da Renovação Carismática, Silva (2001) considera que o fenômeno religioso tem grande importância para o contexto histórico, visto que as transformações ocorridas no espaço católico influenciam diretamente a vida do fiel que procura se ajustar emocionalmente e socialmente buscando produzir alteridade.

Nesta perspectiva, observa-se que as práticas da religiosidade popular buscam sobreviver em meio às transformações ocorridas com a “renovação” da Igreja Católica, em especial a prática de Benzedura que em Goiás não era somente comum, mas tradicionalmente aceita por ampla parte dos fiéis católicos.

O presente trabalho visa, portanto, identificar as transformações e permanências na prática das mulheres benzedoras goianas, analisando a maneira com que estas constroem suas memórias e como a partir de seu contato com o movimento carismático essas mulheres alteraram a própria visão de sua prática.

1. As benzedoras e seu espaço religioso

Na religiosidade popular a figura do Benzedor é de fundamental importância, uma vez que é ele quem realiza a cura, benzer significa dar a bênção e, neste caso, esta é uma ritual de cura. Para Oliveira (1985), a bênção é um veículo que possibilita ao seu executor estabelecer relações de aliança com os santos e os homens, logo a figura do benzedor aparece como mediador entre os dois mundos.

Neste contexto, destaca-se a figura das mulheres benzedoras, pois há uma concordância entre os estudiosos que indica um número mais expressivo de mulheres do que homens desempenhando esta função. Nesse sentido, estudos realizados em Minas Gerais mostram que a prática é desenvolvida especialmente pelas mulheres: “A presença da mulher é marcante no mundo da crença e é ela, numa maioria quase que absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal.” (GOMES; PEREIRA, 1989, p.16).

No entanto é importante ressaltar que tal espaço vem como fruto de um processo de hibridação religiosa no Brasil, especialmente no que se refere à influência do Candomblé, uma vez que esta religião se tornou presente no cotidiano popular

brasileiro, através da influência africana, trazendo consigo o poder feminino na religião (VERGER, 1986). A liderança feminina, enquanto sacerdotisa, na religião de candomblé influenciou também na religiosidade popular católica brasileira, resultando, em certa medida, na consolidação do poder feminino nessa religiosidade enquanto mulheres benzedoras e/ou curandeiras.

As benzedoras analisadas neste trabalho possuem entre 50 e 80 anos, são residentes da cidade de Anápolis (GO) e em a sua maioria pertencente a uma classe média baixa sem um elevado grau de instrução. São católicas e não cobram por suas práticas de benção, uma vez que as entendem como um dom de Deus e devendo transmiti-lo gratuitamente, como se pode observar no depoimento seguinte:

A mulher chegou aqui e eu nunca tinha visto, pediu pra benzer, quando eu terminei ela disse: Dona quanto é a benção? Eu falei, minha filha não benzo por dinheiro, benzo por um Deus te ajude ou um Deus te dê saúde, porque igual o padre falou, por dinheiro eu acho que é pecado. (Depoimento A, julho/2009)

Ao realizar esta distinção as benzedoras buscam, ainda que não conscientemente, uma legitimidade dentro do catolicismo, uma forma de demonstrar que não realizam práticas proibidas e apenas doam o que receberam de Deus, constroem a sua identidade dentro do universo mágico-religioso por meio da marcação da diferença, conforme Hall (2000):

Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo afirmam e reafirmam relações de poder [...]. Os pronomes “nós” e “eles” não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcado por relações de poder. (HALL, 2000, p. 82)

O ato de benzer transforma as benzedoras em referência na religiosidade popular, uma vez que são elas que curam os doentes. Nesta perspectiva não há separação do corpo e do espírito, sendo que o indivíduo está totalmente ligado ao seu ambiente, devido a isso a reza pode curar a enfermidade do corpo, pois esta muitas vezes pode ser provocada por males da alma.

As orações e os gestos praticados pelas benzedoras são muito semelhantes às orações da Igreja Católica, praticamente todos os rituais de benzeduras contêm o sinal da cruz sob o enfermo e algumas utilizam ainda o rosário católico durante o ritual.

Interessante observar que, embora a semelhança com as orações católica e a presença unânime da oração do Pai Nosso e da Ave Maria que são rezadas três vezes em toda benção há a inserção de versos simples e ritmados. Quando questionadas sobre a maneira como realizam a benzedura as benzedoras demonstram o sincretismo presente em suas orações:

“Eu benzo com as palavras da santíssima trindade, Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito, igual a o quebrante, o mal olhado agente fala assim: “Quebrante, mau oiado um põe três tira. Pai, Filho e Espírito Santo. Reza três vezes as orações é tudo assim e no final é tudo por Jesus e a fé. (Depoimento B, julho/2009)

Este depoimento traz ainda um elemento importante: a fé. Esta é a condição para que as benzedoras realizem suas curas e para que estas tenham eficácia: “Jesus curou ela, ela tem a fé eu também tenho, a cura é realizada” (Depoimento C, julho/2009). É a eficácia da oração que faz com que as benzedoras sobrevivam neste universo. A benzedora que não consegue êxito em suas orações não é mais procurada, embora se justifique afirmando que a culpa é a falta da fé do leigo, acaba por perder a credibilidade. Sobre isso, Weber (2001, p. 296) afirma que “a falta de êxito eventualmente acarreta a morte do mago. Os sacerdotes ao contrário têm a vantagem de poder passar de si próprios para o seu deus a responsabilidade pelo fracasso”. As benzedoras podem ser comparadas com os magos, pois não são legitimadas por uma instituição e sim pela eficácia de seu ritual que é imediatista, ou seja, as pessoas que procuram as benzedoras visam solucionar as dificuldades deste mundo, buscam o bem estar nesta vida, não havendo, portanto uma preocupação com o além morte ou a vida eterna prometida pela religião. Portanto, percebe-se que tentam através da eficácia de suas orações comprovarem o dom que receberam e, ao mesmo tempo, reafirmarem sua identidade católica como realizadoras de uma atividade que não é errada ou pecaminosa, uma vez que conseguem seus objetivos. Ainda no depoimento B:

Um dia veio uma senhora aqui e falou: Eu tô com uma dor na espinhela que eu benzo também de espinhela, né! Tô com uma dor na espinhela que ta ruim demais, mas eu fico com medo que muitos padres fica falando que agente não pode ir em benzedora, eu falei, você não conhece eu não, quantos anos você me conhece dentro da Igreja eu vou te da a prova pra você e eu falo com todo amor em Jesus se eu tiver fazendo errado seu estômago não vai melhorar de jeito nenhum, você pode procurar um médico, mas se ele melhorar eu não to fazeno errado. No outro dia ela teve aqui, Oh, meu estômago sarou só vim aqui pra senhora torna a benze e ela tava com medo. (Depoimento B, julho/2009)

Esta benzedeira demonstra em sua fala a necessidade de comprovar a eficácia de seu dom frente aos questionamentos da fé institucionalizada que coloca em xeque a validade dos elementos da religiosidade popular para Gomes e Pereira (2002), a confiança que a comunidade tem no benzedor é fruto da sua competência discursiva e a sua eficácia curativa.

As “benzedeiras católicas” não fazem muita propaganda de seu trabalho, sendo que é a comunidade que espalha a sua fama. Para Gomes e Pereira (2002) essa atitude permite aos benzedores representarem-se como no caminho da modéstia, fazendo analogia com fatos da vida de Cristo, como fica explícito neste depoimento: “Jesus cura, porque quando ele andava pelo mundo ele falou: Se ponhais a mão e tiver fé ficarei curado, então eu ponho a mão e confio que Deus vai fazer a obra e ele faz” (Depoimento C, julho/2009). Portanto as benzedeiras consideram-se como seguidoras de Cristo que assim como ele conservam a humildade e a fé.

Quanto aos rituais das benzedeiras, nota-se a presença de sincretismo religioso, pois além das já mencionadas orações da Igreja Católica, há recorrência de elementos da cultura popular como a utilização de ramos durante o ritual e a observação de algumas regras como, por exemplo, não benzer após o sol poente ou ainda não realizar benzeduras no domingo. Há ainda a crença de que o mal que está no doente passa para a benzedeira, como no caso de quebranto ou mal olhado em que durante e após o ritual a benzedeira sente uma forte sonolência, portanto quando isto ocorre, enfermo e benzedeira sabem que este está “carregado”, termo que é geralmente utilizado em religiões de cunho espírita ou de matriz africana. Durante o ritual a pessoa não pode cruzar os braços ou as pernas, pois se isso ocorre pode prejudicar a eficácia da oração, pois é como se fechasse impedindo o recebimento da graça. Para as benzeções de “cobreiro” o doente também participa do ritual que é feito com uma faca e talos de mamona, a benzedeira corta o talo e pergunta ao doente: O que eu corto? O doente deve responder: Cobreiro Bravo, a pergunta é feita três vezes intermediadas por orações não reveladas, ao fim reza-se o *Pai Nosso* e a *Ave Maria* e colocam-se os talos para secarem e assim que isto acontece o doente está curado. É fundamental para todas as benzedeiras a preparação espiritual para a realização dos rituais, pois em suas palavras: “Um cego não guia o outro.” (Depoimento B, julho/2009) a fé como já mencionado também é condição para a realização das benzeduras.

Segundo Gomes e Pereira (2002) a oposição da família e ou de grupos eclesiais cria dificuldades para a aprendizagem dos rituais, como resultado cria-se novos meios como a transmissão do conhecimento por um meio transcendental. Essa oposição modifica não somente a iniciação, mas o ritual em si:

O ritual das benzeções se organiza de modo a dialogar com as diferentes forças sociais, ora afirmando certos modelos (como acontece na preservação das heranças recebidas dos antepassados), ora ultrapassando-os (como acontece com os rezadores que reelaboram aspectos religiosos do catolicismo). A tensão gerada pelas forças de conservação e mudança da cultura popular se reflete nas benzeções, tornado-as um exemplo dos processos de interação e conflitos que mobilizam a vida social. (GOMES; PEREIRA, 2002:140)

Portanto percebe-se que a prática das mulheres benzedoras sofre inúmeras interferências, o que faz com que estas modifiquem seus ritos e maneira de atuação como forma de sobrevivência, resistindo a cultura moderna que tende a marginalizar as práticas da cultura popular.

2. A Renovação Carismática como novo paradigma de religiosidade católica

A Renovação Carismática Católica surgiu em Pittsburg, no estado da Pensilvânia, Estados Unidos, no ano de 1967, fruto de um retiro espiritual entre estudantes e professores da Universidade de Duquesne. O objetivo inicial do movimento se dava na “renovação da Igreja” sendo essa renovação feita através do suposto retorno as práticas realizadas pelas primeiras comunidades cristãs, tendo como base de inspiração os Atos dos Apóstolos e as praticas religiosas que se referiam à ação do Espírito Santo.

Perante a multiplicidade de religiões que surgiram a partir do início do século XX, os professores e universitários de Duquesne visaram a legitimação e o reconhecimento de um catolicismo que recuperasse o vigor da fé católica, na qual o leigo tivesse uma participação ativa nos ritos e a missão de evangelizar.

Não obstante, é sabido a grande importância do Concílio Vaticano II que se realizou entre 1962 e 1965, pois fundamentou um novo projeto para Igreja Católica e, inclusive serviu de base para a efetivação e fundamentação da RCC. A partir desse concilio inicia-se um processo de abertura institucional para uma participação ativa dos leigos, a que Silva (2001) chama de “modernização” da Igreja, em que o catolicismo renovado começa a tomar corpo por meio das encíclicas *Lumen Gentium* (Sobre a Igreja) e *Gaudium et Spes* (Sobre a vida do cristão no mundo). Com elas os cristãos ganham uma

nova perspectiva de atuação no mundo, e, não obstante, essa nova visão se reafirma na América com as Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979) ².

Na América Latina define-se a partir das conferências um projeto religioso que atendesse a realidade socioeconômica do continente através da promoção da justiça social, a Igreja passaria a realizar a politização da população pobre que organizada em pequenas comunidades as CEBs em que o fiel discutiria questões coletivas, em que questionava o domínio de poucos e desejava-se a promoção da igualdade social.

Paralelamente aos acontecimentos da Igreja Católica Latino-Americana, especialmente frente ao avanço da Teologia da Libertação, desenvolve-se a religiosidade da RCC que valoriza o individual e não o coletivo, portanto, o fiel renovado vai a busca de suas questões individuais que são solucionadas por meio da oração, reintegrando o caráter de administradora da graça, da salvação e da Igreja.

O movimento da RCC possui notadamente um caráter ortodoxo, entretanto evidencia-se em uma notória ambigüidade, pois embora o movimento esteja estritamente ligado a uma ala ortodoxa da Igreja, na qual visa resgatar a fidelidade às doutrinas, hierarquia e dogmas impostos pelo Magistério³, observa-se que ao buscar o ardor das primeiras comunidades cristãs, impulsionadas pela força do “espírito santo” fazem uso de orações repletas de elementos mágicos, onde o fiel é capaz de falar línguas desconhecidas e ter “revelações divinas”.

Apesar de não ter iniciado estritamente no interior da Igreja Católica, a RCC é reconhecida por esta que percebe a significativa transformação que o movimento poderia ocasionar já que se apresentava em defesa dos preceitos morais religiosos e a crença religiosa nos dons do Espírito Santo.

No Brasil a RCC chega na década de 1970 trazida por padres jesuítas que realizaram os primeiros encontros e fundam o primeiro grupo de oração em Campinas. A RCC vai se consolidar através da atuação de lideranças leigas que vão desenvolver um processo de implantação de um código moral que visa a coesão dos participantes do movimento.

² É importante salientar que as conferências de Medellín e Puebla foram fundadoras não do movimento da RCC, mas de uma ala oposita da Igreja Católica: a Teologia da Libertação. Tanto uma quanto outra, embora de visões, teologias e pretensões antagônicas têm como ponto de abertura principal o Concílio do Vaticano II, pois ambas necessitaram de uma maior liberdade e autonomia de atuação direta dos leigos no que se refere a decisões e atividades de frente da Igreja.

³ O *Magistério*, segundo a Igreja Católica, representa um dos pilares das fontes de verdades das quais desfruta a instituição, sendo este acompanhado pela *Bíblia* e a *Tradição*.

Não obstante, não se pode considerar que a RCC se fixa no Brasil sem resistências, visto que a atuação do movimento causou preocupação entre o episcopado. A CNBB (Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil) iniciou em 1974 debates sobre a atuação dos líderes carismáticos e mostrou-se preocupada em conter os “excessos”⁴ religiosos realizados pelos grupos de oração possuidores dessa linha.

Mesmo após mais de vinte anos de discussões e pesquisas o episcopado brasileiro não a um ponto comum, a RCC se estrutura e adquire no interior das Igrejas sua legitimidade através da tese de ser um movimento de restauração da fé dos Apóstolos, em contrapartida a RCC oferece os meios para uma modernização da Igreja que perdia fiéis para as religiões pentecostais, ou seja, a Igreja se adaptada a realidade contemporânea através da RCC.

A RCC assemelha-se bastante aos movimentos pentecostais, porém busca para si a legitimidade da religião católica, mantém a unidade através da defesa dos dogmas, especialmente a infabilidade papal, portanto configura-se como uma saída para a Igreja Católica em meio às novas exigências contemporâneas, uma vez que o leigo sente necessidade de participar ativamente dos ritos, o que é realizado nas Igrejas “renovadas” através de músicas e orações, além de conferir ao leigo a missão de evangelização.

3. As benzedeadas e a RCC: O surgimento da benzedeadas “renovada”

A Renovação Carismática Católica chega a Goiás em 1973, por meio de um retiro espiritual trazido pelos padres George Kosicki e Haroldo Rahm, direcionado aos padres e religiosos, sendo que, a partir dele, iniciaram-se os primeiros grupos de oração do estado em Goiânia, Anápolis e Jataí.

Há que se considerar o contexto goiano em que se inseriu a RCC uma vez que a religiosidade goiana tem algumas peculiaridades, pois Goiás possui uma forte tradição do catolicismo popular o que pode ser observado nas festas religiosas tradicionais do estado ou em práticas de benzedura, correntes de oração e simpatias, todas estas de grande relevância na cultura popular goiana.

Neste contexto, as benzedeadas representam os resquícios da religião campesina goiana, em que tinham um papel central, atuando, não somente como liderança religiosa, mas também como o único recurso à saúde disponível à população por um

⁴ Esses excessos referidos pela CNBB tratava-se das práticas de batismo no espírito, curas e línguas incompreensíveis denominadas pelos carismáticos de língua dos anjos que estavam sendo praticadas no interior da Igreja, e vistas pela ala conservadora da Igreja com certo estranhamento.

grande período de tempo, já a RCC traz uma nova concepção de religiosidade, uma religiosidade urbana, produto da “modernidade” uma vez que vem atender as necessidades do homem moderno que não se contenta mais apenas em ser espectador dos rituais litúrgicos e busca uma maior espiritualidade. (SILVA, 2001:68)

Embora não seja o objetivo explícito do movimento carismático, percebe-se que, após a sua estruturação no estado, passa a agir como um desarticulador das práticas do catolicismo popular que são carregadas de magia, e a festas religiosas, em que sagrado e profano se contrapõe, são vistas pelos carismáticos como deturpações do catolicismo, logo as percebem como práticas pecaminosas que devem ser evitadas.

As benzedeadas, que atuam no interior da Igreja Católica, sentiram fortemente as transformações trazidas pelo movimento carismático, pois apesar da proibição a todo o recurso a benzedores e benzedeadas feito pela Igreja Católica com a incorporação da RCC no culto católico intensiva-se ainda mais a demonização dessas práticas, principalmente através dos grandes encontros e “seminários de vida no espírito” em que combatem as práticas da benzedura através da demonização e ao mesmo tempo tentam assimilar o demonizado. Realidade observada no depoimento C em que uma benzedeadas fala sobre o preconceito enfrentado na Igreja: “Ih, nem é bom fala que foi muito, padre nunca falou não, mas as irmãs da Igreja já falou que não e o Z. N. [Coordenador da RCC] que era o diretor e acho que ele ainda é diretor falou que não era pra fazer[oração] na casa era pra fazer na igreja”. (Depoimento C, julho/2009).

Percebe-se no depoimento C o grande embate entre a benzedeadas e a RCC em que embora o padre de sua paróquia nunca tenha lhe dito nada as irmãs e o coordenador a proíbem de realizar a benzedura, em outro depoimento: “Benze eu não benzo mais não larguei desde que o padre Jonas falou pra nós que benze é um superstição muito grande” (Depoimento D, agosto/2009). O padre mencionado por esta benzedeadas é uma dos maiores promotores da Renovação Carismática Católica atualmente, principalmente através dos meios de comunicação como uma rede televisiva de evangelização para o movimento carismático. Essa rejeição do movimento carismático católico as benzedeadas fica evidente numa das obras produzidas pelo grupo:

Sabendo ou não essas pessoas entram em contato direto com espíritos malignos, se aliam com eles e acabam sendo dominadas e regidas por eles. Por isso Deus nos proíbe a magia e todo o recurso a benzedores e benzedeadas, bruxos macumbeiros e feiticeiros. Em tudo isso o princípio é o mesmo: a manipulação dos poderes ocultos. (Abib, 2003: 69)

Em meio a nova realidade, as benzedeadas se encontram em uma encruzilhada, pois a demonização de suas práticas são seguidas pelo convite a assimilação que conforme Bauman (1999) seria um convite aos membros de grupos censurados a abandonarem os seus grupos, logo representa um enfraquecimento desses grupos, uma vez que estes ficam desacreditados perante a sociedade. As benzedeadas passam por esse processo, pela demonização caem no descrédito, embora suas orações sejam supostamente eficazes, questiona-se a origem de seus dons, ou seja, se estes são realmente dados por Deus ou pelo demônio. Conforme nota-se no depoimento E:

Noutro dia, veio uma moça aqui tava com o nenê ruizinho, durmia com o olhinho aberto, tava enjuadinho, a vó queria que eu benzedesse, mas mãe batia o pé que não, eu tava sem intende qual era o motivo de num me deixa benze, aí a moça falou que benze era errado que era coisa do demônio que lá na Igreja dela já tinha falado que não existia essa coisa de quebrante que era tudo invenção pros charlatão ganha dinheiro. Eu falei pra ela, oia eu num cobro nada pela minha oração, eu faço por amor a Deus que me deu esse dom, se eu benze seu nenê e ele melhorar cê pode ter certeza é pela graça do Espírito Santo, aí eu benzi, se ele melhorou eu num sei porque ela não voltou mais. (Depoimento E, agosto/2009)

Se a benzedeadas nega o convite à assimilação, arrisca-se à exclusão. Muitos questionariam porque a benzedeadas se preocuparia com essa situação, uma vez que poderia continuar exercendo suas funções para aqueles que a procurassem. No entanto, essas benzedeadas baseiam suas orações nos ensinamentos da Igreja Católica e foram criadas nesta fé e procuram ser fiéis a tradição, por isso elas mesmas passam a questionar sua práticas com o intuito de se adequar aos novos ensinamentos.

Aceitar o convite a assimilação significa confirmar, ainda que indiretamente, a superioridade do grupo dominante. Neste caso, a RCC que faz uso da assimilação para exercer um direito monopolista de classificar o que é certo e o que é errado. Para a benzedeadas assimilada o “mundo vira um campo de testes”, em que ela tem que provar a todo momento a sua adesão ao grupo dominante.

Para tanto, modificam o seu discurso, não se intitulam mais “benzedeadas” rearrumam seus ritos de forma que alguns possam ser exibidos e outros escondidos, há uma repressão do que não é adequado segundo os novos padrões, passam a dividir sua trajetória enquanto mulheres da fé antes e depois da RCC, momento de nascimento do que se considera como benzedeadas “renovadas”.

Observa-se que o discurso das benzedeadas renovadas é repleto por contradições, fruto da subordinação as interferências que receberam, quando questionadas sobre o que

se alterou de fato em seu ritual de cura, afirmam realizá-lo com mais fervor, ou então afirmam a retirada de alguns elementos, como o ramo que é condenado pelo movimento carismático: “Não, depois que [entrou na RCC] não nunca com ramo com nada assim não ainda mais na RCC que ele recrimina muito isso, então eu benzo, eu faço as orações só com a misericórdia do pai eterno”. (Depoimento B, julho/2009). Segundo Zoppi Fontana (1997:10), “os processos de significação mudam segundo as condições de produção das práticas discursivas e políticas que atravessam o corpo social”.

Nota-se na construção das trajetórias feitas pelas benzedeadas que sofreram a influência da Renovação Carismática Católica, há um processo de reconstrução de identidades através da negação de seu passado, constroem novos sentidos para suas práticas como um meio de resistência às transformações do espaço religioso.

Referências:

- ABIB, Pe. Jonas. *Sim, sim! Não, não!* São Paulo: Editora Canção Nova, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- JOAQUIM, Maria Salete. “*Considerações Finais*”. In: *O Papel Da Liderança Religiosa Feminina na Construção Da Identidade Negra*. São Paulo: EDUC - Editora da PUC, 2001.
- NERY, Vanda Cunha. *Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé*. VI Encontro dos Núcleos de Pesquisas da Intercom. Disponível em: <http://intercom.org.br>. Acesso em 10 de agosto de 2009.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é benzeção*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. *Flor do não esquecimento: Cultura popular e processo de transformação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PIERUCCI, Flávio. *A Magia*. São Paulo: Publifolha, 2001
- SANTOS, Leila Borges Dias. *Ética da Súplica: catolicismo em Goiás no final do século XIX*. Goiânia: UCG, 2008.

- SILVA, Maria da Conceição. *Política e hegemonia na Igreja Católica*. Goiânia: UFG, 2001.
- SOUSA, Laura de Melo. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- TAKATSU, Sumio. *Perguntas ao movimento carismático*. In: *Religiosidade popular e Misticismo no Brasil*. José Joaquim Sobral (org). São Paulo: Paulinas, 1984.
- THOMSON, Paul. *A voz do passado-História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992
- VERGER, Pierre. *A contribuição especial das mulheres no candomblé*. In: *Culturas Africanas*. São Paulo: Unesco 1986
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. 4. ed. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: ed. Da UnB. 2000. V. I.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica. *Cidadãos modernos*. Campinas: Unicamp, 1997.